

Brincadeiras e jogos na revista infantil *O Tico-Tico* (década de 1950)

Games and jokes in the children's magazine *O Tico-Tico* (1950s)

Juegos y chistes en la revista infantil *O Tico-Tico* (años 50)

Vera Teresa Valdamarin

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9379-9947>

Denis Domeneghetti Badia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7640-2917>

Resumo: O artigo examina o entrelaçamento entre práticas escolares e práticas culturais por meio da análise das edições da revista infantil *O Tico-Tico*, publicadas em sua fase final, na década de 1950. Lançado pela editora *O Malho* no Rio de Janeiro, então capital federal, este periódico circulou nacionalmente entre 1905 e 1962, com o objetivo declarado de contribuir para a educação da infância. Valendo-se dos elementos textuais e visuais dispostos para orientar a compreensão dos jovens leitores, a revista é analisada como espaço discursivo que permite discutir o imbricamento entre práticas escolares e culturais, isto é, como objeto de conhecimento e de entretenimento, como produtor de sentidos e como produto de uma sociedade. A análise abrange dispositivos editoriais e diferentes seções, tais como, histórias em quadrinhos, jogos, atividades lúdicas e pedagógicas enfatizando sua contribuição para a formação do comportamento infantil e a transmissão de valores idealizados pelos adultos por meio de práticas educacionais e culturais, frequentemente interligadas. O estudo aponta que a fidelidade da revista às características e aos valores que marcaram sua trajetória foi decisiva para sua longevidade de mais de cinco décadas, mas também contribuiu para seu declínio, ao não acompanhar plenamente as transformações sociais e culturais do período.

Palavras-chave: *O Tico-Tico*; práticas culturais; práticas escolares; educação infantil.

Abstract: The article examines the interweaving of school practices and cultural practices through the analysis of the final editions of the children's magazine *O Tico-Tico*, published in the 1950s. Launched by the publisher *O Malho* in Rio de Janeiro, then the federal capital, this magazine circulated nationally between 1905 and 1962, with the declared aim of contributing to children's education. By utilizing textual and visual elements designed to guide young readers' comprehension, the magazine is analyzed as a discursive space that enables discussion about the intertwining of school and cultural practices—serving as an object of knowledge and entertainment, a producer of meaning, and a product of society. The analysis encompasses editorial devices and various sections, such as comics, games, and playful and pedagogical activities, emphasizing its contribution to shaping children's behavior and transmitting values idealized by adults through educational and cultural practices, which were often interconnected. The study highlights that the magazine's adherence to the characteristics and values that marked its trajectory was decisive for its longevity of more than five decades



but also contributed to its decline by not fully keeping pace with the social and cultural transformations of the period.

Keywords: *O Tico-Tico*; cultural practices; school practices; childhood education.

Resumem: El artículo examina el entrelazamiento entre prácticas escolares y prácticas culturales a través del análisis de las ediciones finales de la revista infantil *O Tico-Tico*, publicadas en la década de 1950. Lanzada por la editorial *O Malho* en Río de Janeiro, entonces capital federal, esta revista circuló a nivel nacional entre 1905 y 1962, con el objetivo declarado de contribuir a la educación infantil. Utilizando elementos textuales y visuales diseñados para guiar la comprensión de los jóvenes lectores, la revista se analiza como un espacio discursivo que permite discutir la interrelación entre prácticas escolares y culturales, es decir, como un objeto de conocimiento y entretenimiento, un productor de significados y un producto de la sociedad. El análisis abarca dispositivos editoriales y diversas secciones, como historietas, juegos y actividades lúdicas y pedagógicas, enfatizando su contribución a la formación del comportamiento infantil y la transmisión de valores idealizados por los adultos mediante prácticas educativas y culturales, frecuentemente interconectadas. El estudio señala que la fidelidad de la revista a las características y valores que marcaron su trayectoria fue decisiva para su longevidad de más de cinco décadas, pero también contribuyó a su declive al no adaptarse plenamente a las transformaciones sociales y culturales del período.

Palabras clave: *O Tico-Tico*; prácticas culturales; prácticas escolares; educación infantil.

1 Introdução

O entrelaçamento entre práticas escolares e práticas culturais será abordado neste texto tomando-se como fonte os números da revista infantil *O Tico-Tico*¹, publicados na década de 1950, um presente que me foi dado. Transformar esse presente em fonte documental implica analisar um impresso que tinha o objetivo declarado de contribuir para a educação da infância e que foi publicado, com variações de periodicidade, durante 57 anos (de 1905 a 1962). Trata-se, portanto, de um empreendimento editorial bem-sucedido, sob qualquer métrica de circulação adotada, que foi pioneiro na eleição da criança como público leitor e copartícipe de um projeto de educação nacional. Dadas essas características, esse impresso pode ser inquirido como objeto de conhecimento e de entretenimento, como produtor de sentido e como produto de uma sociedade. Os elementos que organizam a publicação, dispositivos para fazer convergir a leitura e a compreensão dos leitores (Chartier, 1991), permitem destacar o imbricamento de práticas escolares e culturais em sua composição. Nesta perspectiva, a revista *O Tico-Tico* pode ser pensada como uma *swinging door* (Depaepe *et al*, 2008) isto é, como um espaço discursivo projetado pelos editores para que o leitor transitasse entre práticas culturais e práticas escolares sem que as fronteiras entre umas e outras estivessem claramente demarcadas.

¹ A coleção, quase integral, dessa revista infantil está disponível na Biblioteca Nacional Digital: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/tico-tico>. Mesmo com lacunas na seriação, verifica-se variação na periodicidade: entre 1906 e 1941 a publicação apresentava-se, desde a capa, como o semanário das crianças publicado sempre às quartas-feiras. A partir de agosto de 1941, isto é, do número 1869, passou a ser mensal.

A análise está delimitada à fase final de circulação da revista, os anos de 1950, nos quais acirraram-se as tensões entre os valores por ela veiculados e aqueles que emergiam das transformações que estavam em curso na sociedade brasileira, entre elas a expansão do mercado audiovisual dedicado à infância. O recenseamento dos exemplares, isto é, a análise documental, abrangeu leitura dos exemplares e categorização temática e cronológica focalizando conteúdo textual, imagens, seções e editoriais; na análise discursiva foram destacadas as práticas pedagógicas e culturais, frequentemente interligadas, em seus elementos visuais e narrativos. Estabeleceu-se também diálogo com outros estudos sobre *O Tico-Tico* o que permitiu confrontar abordagens e ampliar a compreensão das potencialidades dessa fonte documental para a história da educação. Esse procedimento metodológico possibilitou mapear como a revista serviu de mediadora entre práticas escolares culturais, oferecendo um olhar sobre a educação infantil e a circulação de saberes no período.

Em sua perspectiva geral, este artigo reitera que a imprensa periódica em geral e a revista aqui analisada, em particular, constituem fonte significativa para os estudos históricos uma vez que registram aspectos da vida cotidiana e são instrumentos para a formação da opinião pública. Capturam as transformações, as tensões do tempo e as dinâmicas sociais ora reforçando valores estabelecidos, ora abrindo possibilidades de dissonâncias e, por isso, permitem desvendar as complexas articulações entre cultura, educação e política.²

2 *O Tico-Tico*, semanário das crianças

A empresa *O Malho*, com sede no Rio de Janeiro, foi criada em 1902 com o lançamento da revista de mesmo nome³ e, em 1905, apresentou uma nova publicação – *O Tico-Tico* – voltada para o público infantil. Conforme descrição de Roberta Gonçalves (2020, p. 260):

A nova revista ilustrada do grupo procuraria aliar o entretenimento com objetivos formativos, buscando não apenas divertir as crianças mas também cuidar da educação moral, cívica e científica de seus leitores. Ao se comprometer com a formação de meninas e meninos pertencentes, em sua maioria, às elites e classes médias do país, a nova revista estabelecia a defesa da educação como solução para os problemas nacionais, discussão cara aos intelectuais e à imprensa da época (Nagle, 1974, p. 97-102). A preocupação com a disseminação da instrução, acreditavam,

² Sobre as possibilidades analíticas da imprensa periódica, ver, principalmente, Luca, 2006; Catani e Bastos, 1997.

³ A revista semanal ilustrada de sátira política *O malho* começou a circular em 1902 e manteve-se até 1954 trazendo, principalmente, charges e caricaturas sobre política nacional e discussões sobre cultura e costumes urbanos. Faziam parte da revista artistas que, pode-se dizer, criaram o cartum nacional e tornaram-se referência nas artes gráficas. *O Malho* deixou de circular em 1930, por repressão política e, a partir de 1935, passou a priorizar temas culturais e literários. A coleção está disponível no seguinte endereço: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/malho>.

deveria se difundir por diversos setores da sociedade, em especial entre aqueles que elaboravam projetos culturais, como os impressos.

A pretensão de aliar o humor com a análise dos fatos e notícias era característica presente na revista *O Malho* que assim abordava as questões políticas da capital federal, isto é, lançando mão de charges, caricaturas e ilustrações e apresentando-se aos leitores como semanário humorístico, artístico e literário. As duas publicações eram tributárias também do desenvolvimento técnico pois a aquisição de novas rotativas pela empresa permitia economia de tempo e maior qualidade da impressão, aumento das tiragens, uso de fotografias, cores e ilustrações que, por sua vez, possibilitavam a ampliação do catálogo apresentado ao público leitor.

Os primeiros proprietários da revista *O Malho* - Luiz Bartolomeu de Souza e Silva e Antonio Azeredo⁴ – jornalistas e políticos – fizeram de suas instalações o ponto de encontro de ilustradores, intelectuais, escritores, poetas e artistas em geral, além de atrair a colaboração eventual de artistas estrangeiros nas revistas. Era um empreendimento que fomentava e se nutria do clima otimista do início do século XX na capital federal, que Costa & Schwarcz (2000) denominaram de o tempo das certezas. Luz elétrica, ferrovias, novos traçados urbanos, espetáculos teatrais e imprensa apareciam como marcas do progresso e deixavam na sombra a pobreza, as doenças, a desigualdade social que, no entanto, não desapareciam como efeito da vontade otimista.

A longa vida da empresa d'*O Malho* flutuou de acordo com injunções políticas. Contraindo-se à Aliança Liberal que levou Getúlio Vargas ao poder e rompeu com a predominância política dos estados de Minas Gerais e São Paulo, *O Malho* sofreu depredações e saques em 1930 e retornou às atividades em 1931 sem a tradicional ênfase nas questões e no humor políticos, mudança editorial que atingiu também outros órgãos da imprensa. Em 1945, foi ensaiada a volta ao antigo estilo, que não durou muito, sob a pressão do Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas, até deixar de circular em 1954. Nessas movimentações,

O público infantil parecia ser a última trincheira da empresa que, na década de 1950 investiu na criação de mais três publicações mensais infantis: *Tiquinho*, lançada em janeiro de 1950, voltada para crianças em fase de alfabetização, *Cirandinha*, em abril de 1951, voltada ao público infantil feminino, e *Pinguinho*, em março de 1954, destinada a crianças mais novas. Essas revistas tiveram relativo êxito, ainda que não se comparassem ao sucesso e longevidade da primeira revista infantojuvenil do grupo (Gonçalves, 2020, p.270).

⁴ Luiz Bartolomeu era também proprietário do jornal *A Tribuna* e Antonio Azeredo, sócio a partir de 1910, era senador.

A revista *O Tico-Tico*, sucesso editorial que sustentou a empresa *O Malho*, por ser seu produto mais longo (1905-1962) e de maior sucesso, foi lançada em outubro de 1905, com tiragem de 21 mil exemplares ao preço de \$ 200 réis e, no mesmo ano, atingiu a marca de 27.000 exemplares.

O inegável sucesso da revista, seu longo tempo de vida e circulação incomuns, embora com variação no número de páginas e com tiragens maiores ou menores, deve-se, de acordo com diferentes analistas que a tomaram como objeto, à percepção da existência de um grupo de leitores para os quais não havia produtos brasileiros à disposição – a infância –; deve-se também ao aparato técnico disponível que permitia a qualidade das impressões e a um conjunto de intelectuais dispostos a colocar sua arte para esse público: escritores, ilustradores, tradutores, redatores, intelectuais de diferentes matizes.⁵

Num tempo em que a escolarização e, portanto, a leitura, requisito indispensável para sua fruição, era desigualmente oferecida na sociedade,⁶ o público leitor visado pela revista era constituído pelas camadas médias urbanas cujos valores eram nela expressos e reforçados. Menos do que a infância, em geral, a revista dirigia-se, prioritariamente aos meninos, colocando-os como personagens centrais nas histórias e veiculando um papel a ser desempenhado, futuramente, pelos homens na sociedade.

A revista tem se mantido como objeto de análise para pesquisadores de várias áreas que adotam diferentes perspectivas. Patrolo (2019) esquadrinhou os vinte anos iniciais da publicação (1905-1925) tematizando as relações de gênero e vinculando as representações femininas à formação da família, pois atribuía-se às mulheres, sem subterfúgios, a maternidade como principal função social, os cuidados da família como atividade prioritária e a submissão como valor formativo. A revista lhes destinava seções específicas, embora seus pretensos requisitos estivessem presentes também em outras atividades e nos anúncios comerciais. A autora afirma:

Pode-se questionar a construção do gênero feminino veiculado em seus exemplares, mas não a existência de silêncios sobre o *ser mulher*. A revista pautava seus conteúdos, pela dicotomia entre o *sexo forte* e o *bello sexo*. Defendia-se um modelo baseado na submissão das meninas frente aos meninos. Elas deveriam ser belas, bondosas, prendadas e bem comportadas. Não por acaso, foram criados espaços

⁵ Entre os principais ilustradores estavam o argentino Alfredo Storni, Max Yantok (provavelmente, um pseudônimo), o italiano Angelo Agostini, reconhecidamente, pioneiros das histórias em quadrinhos no Brasil, e J. Carlos, artista que atuou em várias áreas e destacou-se como caricaturista. Colaboravam também poetas, escritores e tradutores já consagrados ou em início de promissoras carreiras.

⁶ Schueler & Rizzini (2019) apresentam dados censitários sobre a capital federal que colaboram para a compreensão do contexto de circulação do impresso aqui tematizado. Em 1906, 51,9% da população masculina e 48,1% da população feminina não sabiam ler considerando-se a população urbana e suburbana; a proporção é semelhante na faixa etária entre 06 e 15 anos, pois 54,7% dos meninos e 47,6% das meninas não sabiam ler.

específicos para que as leitoras pudessem ler sobre as últimas tendências da moda e como fazer belos bordados (Patroclo, 2019, p.745).

Silva (2024) também analisou o primeiro ano da publicação na perspectiva de gênero, mas procurando compreender as representações da masculinidade nela veiculadas e, adotando castigo e corpo como eixos de análise, criou um catálogo de imagens. Na construção da masculinidade, o autor destaca alguns traços:

O menino seria educado formalmente nas escolas e civilizado fisicamente quando desobedece a uma norma vigente de comportamento. *O Tico-Tico* está entremeadado nessas camadas institucionais que se propõem a transformar a sociedade. O menino seria saudável, tônico e transparecia essas características na vitalidade do próprio corpo e de sua moral. Tornar-se um grande homem [...] seria caminhar em direção a um cidadão de valor, que é *alto* no pensamento e no talento. Para fomentar essa concepção de masculinidade, seria preciso combater a ideia de um homem sem valor e *perdido* no ócio (Silva, 2020, p. 67).

Indiciando os aspectos mais pedagógicos da revista, Gonçalves (2021) analisou as biografias publicadas até os anos de 1920, em diferentes seções, e destaca criticamente o uso da narrativa heroica e exemplar para o ensino da história, recurso metodológico que prevalecia também no ensino escolar:

As biografias tiveram uma importância fundamental na construção de um regime de verdade, que ajudava a reforçar valores e intenções políticas sobre o passado através de trajetórias que postulavam serem racionais e lineares. A narrativa biográfica aparecia como modelo de uma “cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incerteza” (Gonçalves, 2021, p. 229-230).

Discini de Campos e Guillier (2024) analisam parte desse corpus documental, os números iniciais, inserindo-o no contexto de circulação da imprensa infanto-juvenil do período e identificam revistas congêneres que inspiraram a publicação da brasileira ou com as quais ela estabelecia diálogos. Pertencente ao mesmo gênero das revistas ilustradas, as autoras analisam, juntamente com *O Tico-Tico*, *La semaine de Suzette* (1905-1960), revista francesa voltada, especificamente, para as meninas e identificam “[...] aproximações gráficas e de conteúdo [...]” (Discini de Campos; Guillier, 2024, p. 22) ou mesmo de personagens.

A reiteração de valores fica evidente no discurso e na iconografia d’*O Tico-tico* pela incorporação de aspectos da sociedade brasileira urbana do período. No entanto, as autoras destacam também os aspectos subversivos, em geral, legitimados ou revestidos pelo humor que permeava a revista. Apesar da incorporação de um modelo familiar centrado na

figura paterna, ela podia ser ridicularizada no traço e no discurso e percebe-se que, sob essa aparente centralidade, crianças e mulheres lançavam mão da astúcia para driblar a opressão. Nessa perspectiva carnavalesca, marcada pelo riso, indagam:

Afinal, quem mandava de fato nesta casa brasileira, estampada na capa da primeira edição d'O tico-Tico? Os filhos "futuros salvadores da pátria", conforme reiterado pelo senso-comum? As mulheres "mães de família futuras", segundo arquitetavam pedagogos, legisladores, médicos e letrados em geral? Ou o *pater*, aqui retratado como um sujeito fraco, submisso e meio ridículo? (Discini de Campos; Guillier, 2024, p. 14).

Vergueiro e Santos (2008) analisaram a revista destacando, entre outras características, seu pioneirismo em relação à publicação de histórias em quadrinhos (HQ) no Brasil, para o qual concorreram desenhistas e escritores brasileiros e estrangeiros, bem como as séries daí derivadas e publicadas pela mesma empresa. Entre elas estão *O almanaque d'O Tico-Tico*, edição anual, capa dura com seleção de material das doze edições anteriores (circulou entre 1907 e 1957); a revista *Tiquinho*, lançada em 1950 e publicada durante 10 anos, destinada às crianças em fase de alfabetização; a revista *Cirandinha*, lançada em abril de 1951, que teve 59 edições e era dedicada às meninas; *Pinguinho*, que veio a público em março de 1954, voltada para crianças em idade pré-escolar, que teve apenas 27 números. Independente do tempo de circulação, a partir de todas as revistas foram produzidos almanaques anuais.⁷

Nos anos de 1930, a empresa *O Malho S. A.* iniciou as publicações propriamente educativas com livros vinculados aos conteúdos escolares e a *Biblioteca Infantil d'O tico-Tico*, composta por obras literárias de autores brasileiros; nos anos de 1960, produziu ainda volumes de conteúdo patriótico e cívico.

Segundo Vergueiro e Santos (2008), os aspectos inovadores d'*Tico-Tico* vinculam-se ao pioneirismo da preocupação com a infância, à originalidade da publicação que criava um segmento para a produção de autores e histórias nacionais, aos aspectos gráficos e aos artistas cujo trabalho fomentou. Era, no entanto, um produto de sua época. Estavam lá os valores das classes médias urbanas, a força positiva do trabalho, um modelo de família com papéis claramente determinados, temente a deus e à pátria, paternalista, estruturada pela hierarquia entre as gerações, que reforçava padrões de adaptação a um tipo específico de sociedade que ela contribuía para manter. Eram também reproduzidos estereótipos raciais socialmente sedimentados no período com os garotos negros apresentados como agregados de famílias brancas, sem vínculos trabalhistas, em imagens que caricaturizavam

⁷ Para o diálogo com outros estudos sobre a revista indica-se também Rosa, 2002 e Merlo, 2003 que atestam o interesse despertado por essa fonte.

seus traços fenotípicos. Nessa representação, as desigualdades sociais eram entendidas como superáveis mediante o trabalho e o respeito.

Assim,

Foi nesse ambiente, espelhando os valores almejados pelas camadas dominantes da sociedade, que surgiu, cresceu e floresceu *O tico-tico*, baluarte da moral tradicional e do espírito positivista da chamada república velha. Mesclava elementos de civismo e preceitos religiosos do catolicismo, religião dominante no país, os quais apareciam em várias seções da revista, como os contos infantis, as poesias patrióticas e as narrativas históricas (Vergueiro; Santos, 2008, p. 29).

A veiculação desses valores, os anúncios de produtos variados e as diversas seções abertas à participação do público infantil transformaram adultos – os pagantes – e crianças em aliados da revista, numa clara percepção dos editores das sensibilidades do mercado.

A proposta editorial da revista manteve-se praticamente inalterada durante toda a sua existência. A imagem de uma publicação benéfica, em que apenas bons sentimentos e diversão sadia podiam ser encontrados, foi largamente incentivada por seus editores, que se mantiveram fiéis à sua postura inicial. Ou seja, recusavam-se a reconhecer que tal modelo de revista infantil, na qual até mesmo os aspectos lúdicos deviam se subordinar a objetivos didáticos-pedagógicos, havia se tornado totalmente anacrônico. A revista pagou caro por isso, não sobrevivendo à década de 1960, em que os valores tradicionais que ela preconizava passaram, cada vez mais, a ser objeto de constante questionamento (Vergueiro; Santos, 2008, p. 33)

3 Os anos de 1950: a fase final d'*O Tico-Tico*

Pode-se dizer que a fidelidade às características e aos valores expressos pela revista a mantiveram durante mais de cinco décadas em circulação, mas também se constituem em fatores de seu declínio. Elencar algumas transformações e novidades nos veículos de comunicação e entretenimento oferecidos ao público nos anos de 1950 permite esboçar um quadro de mudanças que tensionava o conteúdo e a forma mantidos pel'*O Tico-Tico*.

Entre as publicações destinadas ao público infantojuvenil, desde os anos de 1930, outros concorrentes se apresentaram em revistas próprias, captando ou criando tendências, como os heróis norte-americanos Tarzan, Popeye e o Superman. Na década de 1950 os resultados desse embate manifestaram-se na redução das tiragens d'*O Tico-Tico*, na introdução de novas seções e na reformulação de outras, tentativas para se adequar ao gosto dos leitores. Nessa década, além da concorrência com outras publicações e heróis, um novo veículo – a televisão – mudaria a configuração da informação e do divertimento, inclusive para a infância, por meio dos desenhos animados.

Interferindo decisivamente na formação da opinião pública, a oferta de jornais diários se expandia. Publicações já existentes como o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil*, o *Diário Carioca*, *A noite*, e *O Globo* passaram por reformulações gráficas e editoriais nessa década e ecoaram a diversidade de tendências de opinião, própria de uma sociedade em transformação. As revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, especializadas em fotojornalismo, contavam com os mais importantes jornalistas do país em suas redações e com a colaboração de grandes intelectuais na escrita de artigos e colunas; era também o tempo dos grandes fotógrafos que inovavam na linguagem para narrar acontecimentos. As rádios *Nacional*, *Mayrink Veiga*, *Globo* e *Tupi* priorizavam a informação e a cultura populares aproximando o grande público dos artistas nacionais por meio de programas de auditório, musicais e humorísticos que, por sua vez, criavam padrões para o riso e para a diversão.

As mudanças na sociedade, no entanto, eram mais profundas do que a ampliação da oferta de produtos para o público infantil e a Capital Federal transformava-se no período pós-guerra. Outras manifestações culturais populares se expandiam e se diversificavam, como as escolas de samba e o carnaval, ligados à tradição do samba, e emergiam experimentações de uma nova estética que desaguariam posteriormente no Cinema Novo.

O clima cultural efervescente do Rio de Janeiro se espalhava por outros estados da federação, transmitindo em ondas sonoras e visuais ou por meio de uma vasta rede de distribuição, novos valores e padrões artísticos. Às ilustrações e aos grafismos d'*O Tico-Tico* se apresentavam concorrentes com maior sofisticação técnica e linguagens de impacto para contar as histórias e despertar o interesse de crianças e adultos.

Embora a urbanização fosse impulsionada pela crescente classe média urbana decorrente da expansão do comércio e serviços, a infraestrutura da Capital Federal não atendia as novas demandas populacionais e as desigualdades sociais se aprofundavam, seja pela precariedade habitacional, seja pela exclusão de grande parte da população dos benefícios dessa modernização acelerada e dos serviços públicos. Coexistiam, sem harmonia, ofertas culturais cosmopolitas e contradições sociais que segmentavam sua disseminação de acordo com as diferentes condições econômicas da população.

Essas transformações foram incorporadas de modo sutil nas páginas da revista *O Tico-Tico* nos anos de 1950, que, assim, perdia seu vetor de inovação na disputa com as novidades que surgiram, deixando seu pioneirismo no passado. Diante da diversidade social e cultural, a revista se manteve à custa de dirigir-se a um público cada vez mais restrito, para o qual os padrões familiares e de comportamento que ela reforçava ainda faziam sentido. No entanto, a junção de elementos pedagógicos e lúdicos que lhe era própria, talvez tenha contribuído para distingui-la entre as ofertas disponíveis e para sua sobrevivência.

4 Práticas Escolares e Práticas Culturais

A revista encampa, desde seu nascimento até os anos de 1950, a ideia de que a diversão é aliada da educação no enfrentamento dos problemas sociais e que um impresso destinado ao público infantil constituía valiosa contribuição para esse processo. As *swinging doors* (Depaepe *et al*, 2008) constituem imagem adequada para ilustrar a dinâmica do intercâmbio de diferentes práticas que é detectada entre a revista *O Tico-Tico* e as atividades e conteúdos escolares ou entre práticas escolares e práticas culturais, produzindo reforços mútuos de temas, objetos, hábitos e rituais.

A simbiose entre a escola e a revista evidencia-se em muitos aspectos e dispositivos organizadores de sentido. A revista dirige-se a crianças alfabetizadas – leitores – traço incontornável para a fruição de todas as seções. Em alguns meses do ano, traz histórias em fascículos, diagramados no modo paisagem que, ao final, podem ser destacados da revista e encadernados, para se transformarem num livro – esse objeto escolar comum - que, junto a outros, comporiam uma pequena biblioteca. *A ilha dos três mistérios*, de Galvão de Queiroz, é um dos livros publicados dessa forma nos anos de 1950.

Todos os números trazem pequenos contos e historietas, poesias e mesmo as atividades manuais contêm instruções a serem lidas para a correta execução. A prática da leitura, silenciosa ou em voz alta, feita pelas próprias crianças ou pelos adultos, pressupõe um ambiente familiar escolarizado.

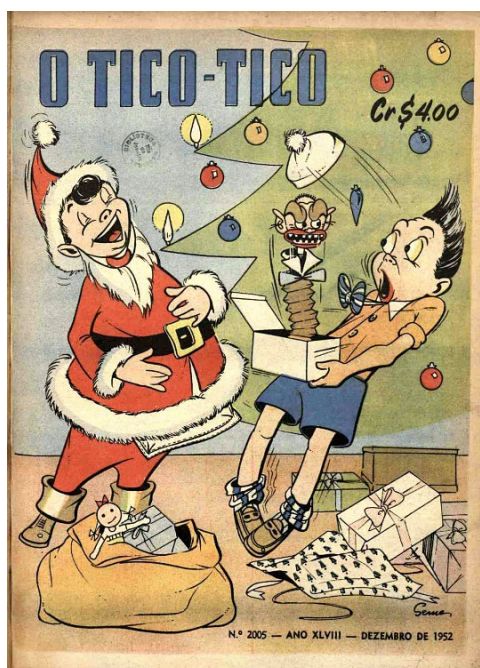
Esse intercâmbio pode ser observado desde as capas. Muitas delas fazem alusão a efemérides comemoradas e/ou estudadas na escola primária (Dia do Soldado, Proclamação da República, entre outros), ou mesmo às férias escolares e aos feriados religiosos (Figuras 1 e 2). O tempo escolar administra também a inclusão de matérias, seções e conteúdos e os números publicados no mês de fevereiro costumavam trazer mais atividades relacionadas aos jogos e brincadeiras, assim justificados: “Às vezes, durante as férias, a gente fica amolado, sem saber o que fazer, para encher as horas que se arrastam nas férias...” (*O Tico-tico*, Fev., 1950, p. 10). São tabuleiros de jogos e/ou folhas para serem coladas em cartolina e depois recortados a fim de montar bonecas e seu vestuário, ou mesmo um presépio, cuja publicação se estendia durante o segundo semestre com as últimas peças publicadas na edição do mês de dezembro, com sugestão para que fosse utilizado na decoração domiciliar dos festejos.

Figura 1 – O Tico-Tico. Capa, Jan. 1956, nº 2042, Ano LI. Ilustração de Luiz Sá.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2 – O Tico-Tico, capa, Dez. 1952, nº 2005, Ano XLVIII.



Fonte: Acervo pessoal.

As duas Figuras ilustram características distintivas da revista: o traço minimalista, embora de artistas diferentes, o predomínio das cores primárias e a alusão à comemoração própria do mês. A Figura 1 remete ao período das férias escolares, no qual os equipamentos urbanos deveriam ceder espaço para crianças, animais e passeios, condição não dispo-

nível para os usuários do transporte coletivo que continuavam apinhados, como se observa em segundo plano. Na Figura 2, pode-se perceber a verve humorística que caracterizava a revista desde seu surgimento. O Natal, festividade comemorada pela revista anualmente, contém também elementos de subversão (mencionada por Discini de Campos; Guillier, 2024) no sentido tradicional do Natal: o Papai Noel retratado não é o bom velhinho, em geral, apresentado às crianças; é, claramente, uma pessoa fantasiada de Papai Noel cuja intenção não é presentear, mas assustar e divertir-se com o resultado.

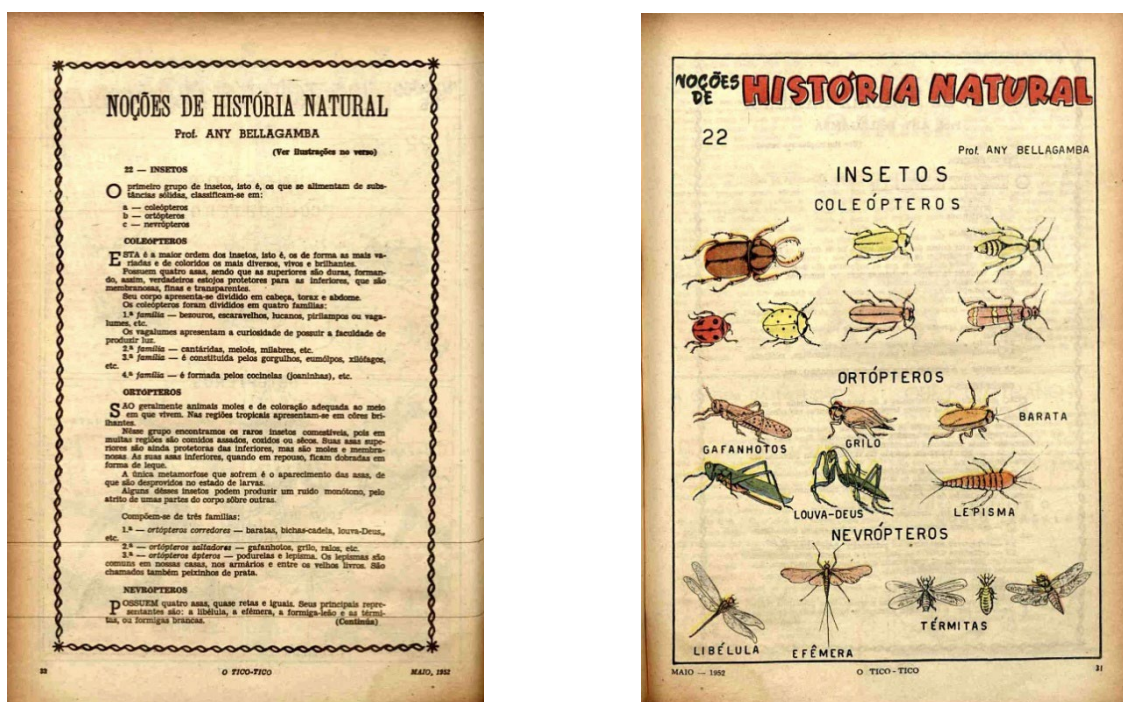
No texto que faz às vezes de editorial, diagramado como página 3, denominado *Lições de vovô*, a revista dá conselhos aos leitores dirigindo-se a eles como netinhos. Podem ser reflexões sobre o final de um ano e o início de outro, oportunidade para corrigir erros: “Quanto a nós, vamos continuar a ser bons filhos, bons estudantes, bons brasileiros [...]” (O Tico-tico, Jan., 1950, p. 3). No número que comemora o carnaval, festa acessível a todos e de grande apelo popular, lembra-se aos leitores tratar-se de festa pagã, festividade que não deve suspender os deveres dos católicos aos quais a revista se alinha: “Embora vocês estejam com as cabecinhas viradas por causa do próximo Carnaval [...] é bom que não se esqueçam que as festas pagãs de Momo passarão, e os nossos deveres de católicos permanecerão os mesmos, agora como no resto de 1950 e para sempre (O Tico-tico, Fev., 1950, p. 3). O cultivo dos hábitos de leitura é tematizado nos conselhos que abrem a edição do mês de junho de 1954: reconhece-se a concorrência com outras publicações disponíveis, mas recomenda-se a escolha daqueles dirigidos à infância, que contenham ensinamentos e não aqueles que tragam obscenidades e deixem um “[...] travo de remorso e tristeza”(O Tico-tico, Jun., 1954, p. 3). Os editoriais dialogam ainda com problemas urbanos: a campanha liderada por D. Helder Câmara para construir casas em substituição às favelas cariocas é incentivada na edição de abril de 1956; o chamamento à participação e ao fornecimento de informações para o recenseamento que iria começar em 1950 também é objeto desses editoriais que adotam tom moral e religioso (e não cívico). Assim, acontecimentos, campanhas e comemorações circulam na escola e na sociedade, são mutuamente reforçados e apresentados em linguagem lúdica para leitura doméstica das crianças e dos adultos.

O léxico escolar é presença forte na revista pois muitas seções são denominadas como lições. Além das *lições de vovô*, há outras agrupadas como cursos que mimetizam, inclusive o tempo e o currículo escolar e são apresentadas em números sequenciais. As *Noções de Botânica* e as *Noções de História Natural*, são de autoria de Any Bellagamba⁸, e diagramadas em frente e verso de uma página: a primeira contém ilustrações dispostas para a observação e a segunda (cujo acesso demanda o gesto de virar a página) transfor-

⁸ A professora Any Bellagamba foi autora de livros didáticos e alguns deles consistiam em compilações das lições d’O *Tico-tico* publicados pela Editora *O malho* até, pelo menos, 1977. Alguns deles estão disponíveis no site Estante virtual.

ma o que foi visto num texto escrito, numa lição a ser memorizada (Figuras 3 e 4). *Aves e pássaros do Brasil, Prodígios da natureza* (voltado para a descrição de animais), *Grandes figuras da história* (com biografias de personagens ou heróis) são algumas das seções claramente vinculadas aos conteúdos escolares. O longo termo, o meio termo e o curto período, referências temporais escolares, indiciam os objetivos visados: currículo, ano letivo, programas de ensino, férias e feriados. Esses conteúdos, no entanto, não são dirigidos a series escolares específicas, possivelmente, para não delimitar o público leitor.

Figura 3 e 4 – O *Tico-tico*, Maio 1952, n. 1998, ano XLVII, p. 31 e 32.



Fonte: Acervo pessoal.

Percebe-se nessas seções uma ordenação das matérias de ensino, própria da escola, que se constitui também em modos de disciplinar o conhecimento. Elas se amparam em métodos e regras (observação/memorização) para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte, características que Chervel (1990) atribuiu às disciplinas escolares: a formação da cultura que se dissemina, modela e modifica a sociedade.

O conteúdo dessas lições está relacionado a aspectos formativos e a interação didática é mediada por objetos que são de uso escolar e social: lápis, borracha, cola, tesoura, papéis de diferentes tipos e delimitação do espaço onde se deve escrever, colorir, recortar e colar. Aliada dos valores que imperam no mundo adulto, a revista atua no controle de comportamentos que modelam objetivamente a infância: sequência ordenada de passos que disciplina o comportamento para a obtenção de um resultado desejado.

Como exemplificado na Figura 5, a forma e o vocabulário, além do conteúdo, são escolares. A verificação do conhecimento por meio de perguntas, o acerto das respostas que caracterizaria o bom estudante e a criação de oportunidades de estudo mesmo nos períodos de férias ilustram a parceria da revista. Seguindo-se as indicações de Warde (2007, p. 32) amparada nos conceitos de Norbert Elias, é possível dizer que tanto a instituição escolar quanto a revista de entretenimento infantil são instrumentos “de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento, que a estrutura e a situação da sociedade onde vive tornam necessários”.

Figura 5 – O Tico-Tico. Março 1956, p. 9. n. 2044, ano LI.



Fonte: Acervo pessoal

Embora os elementos escolares sejam marcantes n’O Tico-tico, a revista tem outras características especiais. Os dispositivos de fidelização do leitor, decisivos para a longa circulação do impresso, são variados.

Essa porta de vaivém parece permitir a passagem de elementos menos escolares, como os quadrinhos, linguagem na qual a revista foi pioneira e, no período, não era aceita na escola. O traço original de artistas que atuavam em outros veículos da imprensa ou da publicidade caracterizava a publicação e as Figuras 6 e 7 apresentam exemplos da variedade de personagens, de impressão e composição das histórias. O personagem *Pluck* remete à *Puck*, elfo presente na peça *Sonhos de uma noite de verão*, de William Shakespeare, seja

pela ambientação na floresta, seja pelas vestimentas com elementos medievais. Essas histórias adaptavam-se bem à estratégia de manter o interesse do leitor por vários números para conhecer o desfecho ou o fato que lhes deu início e, por isso, o mesmo enredo desenvolvia-se em vários números ou em páginas intercaladas. As HQs ou o envolvimento dos artistas gráficos com a revista diminuiu bastante no final dos anos de 1950, já como sintoma do menor investimento e das dificuldades financeiras, mas a estratégia permaneceu consistente.

Figura 6 – O Tico-tico, Set. 1952, n. 2002, ano XLVII, contracapa final.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 – O Tico-tico. Nov. 1952, n. 2004, ano XLVIII, p.10.



Fonte: Acervo pessoal.

A seção *Nossos Concursos*, além das instruções para a participação, publicava as soluções de jogos, enigmas e advinhas nos números subsequentes a sua apresentação. O *Quadro de Honra* avisava que “Foram classificados por sorte, para sair no quadro de honra, os seguintes concorrentes que nos enviaram soluções certas dos dois últimos concursos” (O Tico-tico, Abr., 1952, p. 29). Assim, o prêmio não consistia no acerto das respostas, mas na publicação no nome do leitor na revista. A lista dos vinte sorteados mensais era composta por leitores de quase todos os estados brasileiros, estratégia para afirmar a abrangência nacional da circulação e manter acesa a esperança do pequeno leitor de ter seu nome ali mencionado.

Parte dos anúncios comerciais era de produtos dirigidos ao público infantil. Entre eles, predominavam casas editoras como a Edições Melhoramentos que mantinha livros didáticos, cartilhas, coleções e obras avulsas voltadas para o mesmo público da revista; outra editora anunciava um livro de mágicas para entreter em festas ou reuniões e uma fábrica de gaitas anunciava e patrocinava um concurso promovido em parceria com a rádio Guanabara. A própria empresa *O Malho*, era grande anunciante de seus produtos: as revistas mensais, os Almanques de cada uma delas eram oferecidos como um excelente presente de Natal ou como compilação dos números publicados no ano anterior (Figura 8).

Figura 8 – O Tico-tico. Fev.1953, n.2007, ano XLVIII, p.11.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 9 – O Tico-tico. Fev.1953, n.2007, ano XLVIII, p.31.



Fonte: Acervo pessoal.

Os anúncios eram dirigidos também aos pais e às mães. Para elas, loções, cremes e outros itens de beleza, que garantiriam resultados para pele e cabelos e remédios para várias afecções que acometiam as famílias sob seus cuidados (tosse, resfriado, febre e dor de barriga, por exemplo). Estavam lá também os livros de bordados e de outros trabalhos manuais que poderiam ser adquiridos em bancas de jornais e livrarias de todo o país ou mesmo pelo serviço de reembolso postal. O mais sugestivo deles era o *Anuário das Senhoras*, “um primor de bom gosto”, que trazia conteúdos sobre o que se entendia ser o interesse feminino: “literatura, poesia, cinema, interiores, modas, arte, receituário,

lingerie, sugestões para noivas, etc.”. Conforme se observa na Figura 9, o anúncio inspirava-se em grandes publicações de moda (a *Harper's Bazaar* norte-americana era uma delas) que, por sua vez, veiculavam as tendências da figura feminina inspirada nos croquis da alta-costura francesa.

Há Seções cuja forma de interação com os leitores não é tão previsível quanto aquelas de feição mais escolar. A seção *Você sabia?* escrita por Paulo Affonso, traz curiosidades explícitas em perguntas retóricas: “Você sabia que cimitarra é uma espada oriental de lâmina muito curva e que vai alargando do punho para a extremidade? Você sabia que estilógrafo é um instrumento para escrever terminado em ponta e com reservatório de tinta?” (O Tico-tico, Mar., 1950, p. 15).⁹ Vale dizer que as palavras cimitarra e estilógrafo já haviam aparecido em textos da revista em anos anteriores; a primeira era recorrente em histórias sobre sultões e princesas e a segunda apareceu numa das *Lições do vovô* que explicava as origens das canetas-tinteiro.

A seção *Gavetinha do saber* (Figura 10) estrutura-se numa lógica semelhante e reúne curiosidades sobre os mais diversos assuntos:

O Brasil não é país de grandes altitudes, basta ver que os seus pontos mais elevados não chegam a 3.000 metros.

As folhas da vitória-régia atingem dois metros de diâmetro.

O camelo não pode subir nem descer ladeiras. É animal feito sob medida para as planícies desérticas.

Nove a dezoito meses depois de plantada, a bananeira dá fruto.


No idioma espanhol o que nós chamamos de camarote de teatro, tem o nome de palco.

Já no ano de 1250, o monge inglês Rogerio Bacon dizia, profeticamente: não será impossível construir máquinas que, por meio dum aparelho com asas, permitam o voo, como fazem os pássaros.


O único estado do Brasil em cujo nome não aparece a letra A, é Sergipe (O Tico-tico, Jan., 1950, p. 12)

⁹ Eu tenho uma memória de infância muito viva de um tio que, nas festas que reuniam toda a família, movimentava-se entre as crianças presentes fazendo perguntas desse tipo. Obviamente, ninguém sabia as respostas, mas ele provocava encantamento e parecia muito sabido (nota de Vera T. Valdemarin).

Figura 10 – O Tico-tico. Jan.1956, n.2042, ano LI, p.11.



Gavetinha do Saber



Sómente a fêmea do mosquito suga sangue.

Maomé enriqueceu pelo casamento com a viúva Kadidja.

Fama era a divindade poética mensageira de Júpiter.

“Todo homem tem duas pátrias: a sua e a França”.

Foi Thomas Jefferson, norte-americano, quem disse esta frase, agradecida à maneira cordial como foi tratado na França quando ali esteve em missão diplomática.

Pela ação dos ventos, acumula-se areia movediça nos desertos, ou nas praias. Essas colinas de areia movediça é que recebem o nome de dunas.

Atiologia vem do grego hágios (santo) e logos (estudos).

O médico, para receitar remédios, estuda durante cinco anos. Não é qualquer pessoa que pode escolher o remédio que deve tomar. É preciso saber receitar.

A campanha de Canudos deu motivo a que a nossa literatura ganhasse um livro genial: “Os Sertões”, de Euclides da Cunha.

Durante mais de vinte anos aquele homem extraordinário, que foi o missionário inglês Livingstone, percorreu as terras da África.

Venceu dificuldades surpreendentes, que teriam levado ao desânimo criaturas sem força de vontade.

“Nicoceana” é a designação científica do tabaco.

Quem nasce em Jerusalém é hierosolimita.

Telefonema é palavra masculina. Portanto: Um telefonema; Seu telefonema; Aquela telefonema.

No segundo governo geral do Brasil fundou-se o Colégio de S. Paulo nos campos de Piratininga, sob a direção de Nóbrega e Anchieta. Tal colégio foi o berço da atual cidade São Paulo.

Antigamente, na China, na Assíria e no Egito, o uso da sombrinha, ou parasol, estava reservado exclusivamente aos reis, sacerdotes, e alguns altos personagens.

Eram elas feitas de sédas riquíssimas, bordadas a ouro, e com cabos de marfim lavrado.

A Oceania não tem nenhum Estado independente, pois todos eles são possessões. Compõe-se da Austrália e de muitas ilhas situadas no Pacífico.

Piro é um prefixo grego que significa “fogo”.

Encontra-se uma estampa, na Biblioteca Nacional de Paris, explicada pela seguinte legenda: “Figura da barca inventada em 1799 por Bartolomeu Lourenço de Gusmão, Capelão do Rei em Lisboa, para se elevar e caminhar pelos ares”.

Durante uma batalha, em 1709, o marechal de Villars foi gravemente ferido e pediu os últimos sacramentos. Alguém quis que a cerimônia fosse secreta, mas Villars protestou, dizendo: — Não! Quero que todo o Exército assista. Já que não me viram morrer eu me herói, que me vejam morrer como bom cristão!

O ano de 1914 marca um acontecimento importante: a abertura, ao tráfego do Canal de Panamá, ligando o Pacífico ao Atlântico.

O TICO-TICO

Fonte: Acervo pessoal.

Seções desse tipo, que não eram as principais da revista, parecem atingir o pequeno leitor de um modo diferente daquelas cujas formas são mais escolares, mas também produzem operações de sentido. São sínteses de informação que falam à imaginação, mesmo sem ter apelos visuais, escritas em letras miúdas com diagramação apertada nas páginas (podem estar ali para preencher espaços vazios). São aparentadas das Enciclopédias, dos Almanques, chamadas de cultura inútil porque não são atreladas a aplicações ou avaliações escolares. No entanto, pressupõem uma colaboração entre adultos e crianças: aos primeiros cabe a leitura dessas perguntas ou textos curtos, aos segundos cabe imaginar as respostas ou pensar em assuntos que, de outro modo, não lhes viriam à cabeça.

Sergio Augusto (2024), em coluna recente no jornal *O Estado de São Paulo* que comemorava o lançamento da Enciclopédia Barsa no Brasil, em 1964, denominou-a de tutora de ignorantes e curiosos e afirma que o encanto desse tipo de publicação se perdeu com o *Google*. Talvez tenha se perdido também um traço da sociabilidade entre adultos e crianças que a revista *O Tico-Tico* fomentava.

5 Considerações finais

Esta análise se juntou a outras com as quais dialogou e, em vez de conclusões, parece ser mais pertinente enfatizar a riqueza desse impresso pioneiro dirigido à infância. A imprensa periódica em geral, e esta revista em particular, constituem fontes importantes para os estudos históricos porque dão acesso a discursos e opiniões coletivas e às tensões que permeiam as sociedades e a cultura desempenhando papel significativo na educação informal do público leitor.

A revista *O Tico-Tico* não se ressentiu de problemas que os pesquisadores enfrentam com frequência ao adotar esse tipo documental. Ela manteve circulação regular por várias décadas e, portanto, suas páginas registraram transformações de várias ordens que contribuem para a compreensão de traços culturais da sociedade brasileira. Ela está preservada na Biblioteca Nacional e acessível a todos em meio digital, contornando assim os maiores entraves que costumam inviabilizar pesquisas: lacunas na seriação, proibição de manuseio e dispersão dos exemplares sob diferentes curadorias.

Embora sedutora para os leitores, outras análises podem contribuir para a compreensão do engajamento dos editores com determinados valores, para a reprodução de estereótipos étnicos e sexuais e para a sub-representação de grupos sociais marginalizados. Os valores e finalidades que presidiam *O Tico-tico* podem ser escrutinados em termos de seu conservadorismo moral e religioso, dos preconceitos sedimentados e naturalizados em suas páginas. No entanto, esses mesmos valores garantiram recepção exitosa e longa periodicidade.

A dimensão material da revista – formato, layout, periodicidade, design de capas e ilustrações, aspectos tipográficos e técnicos - pode ser articulada às intenções editoriais e comerciais para gerar análises combinadas aos aspectos discursivos que evidenciem a complexidade desses produtos culturais. A revista pode ser indiciada a partir de cada uma das seções ou da transformação que elas sofreram ao longo do tempo que, por sua vez, constituem elementos das transformações do conhecimento, dos valores sociais e das relações entre práticas, como se delineou aqui.

Os aspectos propriamente artísticos desse impresso também merecem outros estudos aprofundados a fim de inventariar traços, os personagens criados, o tipo de humor ali veiculado e a história dos artistas e intelectuais por ali passaram e construíram sua reputação. A tensão entre inovações na forma e tradicionalismo nos conteúdos explicitava também aspectos fortes da cultura e da sociedade brasileira do período.

As sugestões aqui mencionadas e outras não aventadas podem contribuir ao propósito de conhecer não apenas o passado, mas o nosso tempo e, nele, as práticas culturais e educacionais que revelam o tipo de sociedade em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Sérgio. Bananão iluminado. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, ano 145, n. 47703, 26 maio 2024, Cultura & Comportamento, p. C5
- CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v.5, n. 11, p. 173-191, jan./abr., 1991.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, período, 1990. Não há essa. Informação na revista.
- COSTA, Angela Marques; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914. No tempo das certezas**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- DEPAEPE, Marc; HERMAN, Frederik; SURMONT, Melanie; VAN GORP, Angelo; SIMON, Frank. About pedagogization: from the perspective of the history of education. *In*: SMEYERS, Paul; DEPAEPE, Marc (ed.). **Educational research: the educationalization of social problems**. [S. l.]: Springer Dordrecht, 2009. v. 3, p. 13. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-4020-9724-9>; ISBN 978-1-4020-9724-9.
- CAMPOS, Raquel Discini de; GUILLIER Béatrice. Subversão e reiteração na representação do mundo na imprensa infantil franco-brasileira: considerações sobre La semaine de Suzette e O Tico-Tico em 1905. **Revista História da Educação**. [S. l.], v. 28, p. 1-22, período, 2024. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/133853>. Acesso em 30 nov. 2024
- GONÇALVES, Roberta Ferreira. Biografias e educação histórica: vidas exemplares na revista O Tico-Tico durante a primeira república. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 14, n. 2, p.209-231, ago./dez., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22228/rtf.v14i2.1157>. Acesso em 30 nov. 2024.
- GONÇALVES, Roberta Ferreira. O Malho, a imprensa empresarial e a criação da revista O Tico-Tico. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**. Local, v. 9, n. 1, p. 259-277, período, 2020.
- LUCA, Tania R. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.
- MERLO, Maria Cristina. **O Tico-Tico (HQ): um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- O TICO-TICO. Rio de Janeiro: Sociedade Anônima O Malho. Acervo da hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/tico-tico> Acesso em 05 jun. 2024.
- PATROCLO, Luciana Borges. As mães de família futuras: a revista o tico-tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia/MG, v. 18. n. 3, p. 731-748, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v18n3-2019-9>. Acesso em 13 fev. 2025

ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico**: meio século de ação recreativa e pedagógica. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; RIZZINI, Irma. Entre becos, morros e trilhos: a expansão da escola primária na cidade do Rio de Janeiro (1870-1906). **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 1, p. 160-175, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v18n1-2019-9>. Acesso em 13 fev. 2025.

SILVA, Carlos Gabriel Ferreira da. **Batalha contra Gaudério**: representações das masculinidades infantis nos primeiros anos de publicações da revista O Tico-Tico (1905-1906). Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.484>. 2020. Acesso em 05 jun 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio. A postura educativa de O tico-tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. **Comunicação e educação**, ano XIII, n. 2, p.23-34, maio/ago., 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v13i2p23-34>. Acesso em 05 jun. 2024.

WARDE, Mirian Jorge. Repensando os estudos sociais de história da infância no Brasil. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 21–39, período, 2007. DOI: 10.5007/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1495>. Acesso em: 2 dez. 2024.

Recebido em junho/2024 | Aprovado em dezembro/2024

MINIBIOGRAFIA

Vera Teresa Valdemarin

Professora Associada (aposentada) do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências de Rio Claro, ambos da UNESP. Atua nas áreas de Filosofia e História da Educação, tem desenvolvido pesquisas e orientação de trabalhos no âmbito dos fundamentos da educação, da circulação dos métodos de ensino e da formação de professores.

E-mail: E-mail: veravaldemarin@gmail.com

Denis Domeghetti Badia

Professor Doutor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/UNESP. Tem desenvolvido pesquisas e orientado trabalhos acadêmicos no âmbito da antropologia do imaginário, da antropologia da educação, da antropologia da educação e da cultura análise de grupos; da filosofia da arte, estética e da filosofia contemporânea em suas interfaces com a educação.

E-mail: denis.badia@unesp.br